



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA**

THAISA DANIEL AGOSTINHO DA SILVA

**A LUTA DAS MULHERES JAPONESAS, COREANAS E CHINESAS CONTRA O
SILÊNCIO DA ESCRAVIDÃO SEXUAL VIVIDO NA SEGUNDA GUERRA
MUNDIAL (1939-1945)**

**GUARABIRA-PB
2022**

THAISA DANIEL AGOSTINHO DA SILVA

**A LUTA DAS MULHERES JAPONESAS, COREANAS E CHINESAS CONTRA O
SILÊNCIO DA ESCRAVIDÃO SEXUAL VIVIDO NA SEGUNDA GUERRA
MUNDIAL (1939-1945)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus Guarabira, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador(a): Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas.

Linha de Pesquisa: História e Estudos Culturais: Etnia, Crença, Gênero e Sexualidade.

**GUARABIRA-PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S5861 Silva, Thaisa Daniel Agostinho da.
A luta das mulheres japonesas, coreanas e chinesas contra o silêncio da escravidão sexual vivido na segunda guerra mundial (1939-1945) [manuscrito] / Thaisa Daniel Agostinho da Silva. - 2022.
34 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas, Departamento de História - CH."

1. Mulheres de Conforto. 2. Escravidão sexual. 3. Segunda Guerra Mundial. 4. Coreia. 5. Japão. I. Título

21. ed. CDD 909

THAISA DANIEL AGOSTINHO DA SILVA

**A LUTA DAS MULHERES JAPONESAS, COREANAS E CHINESAS CONTRA O
SILÊNCIO DA ESCRAVIDÃO SEXUAL VIVIDO NA SEGUNDA GUERRA
MUNDIAL (1939-1945)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de História da Universidade
Estadual da Paraíba (UEPB), Campus Guarabira,
como requisito parcial à obtenção do título de
Licenciada em História.

Trabalho apresentado e aprovado em 06/12/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas (Orientador)
(Universidade Estadual da Paraíba/DH)



Prof^a Dr (a) Iany Elizabeth da Costa (Examinador/a)
(Universidade Estadual da Paraíba/DG)



Prof. Dr Cristiano Luís Cristillino
(Universidade Estadual da Paraíba/DH)

*“Eu nunca fui nada além de uma mulher do mar.
Nem você nem qualquer outro homem pode me
transformar em menos do que isso”.*

Mary Lynn Bracht, 2018.

A LUTA DAS MULHERES JAPONESAS, COREANAS E CHINESAS CONTRA O SILÊNCIO DA ESCRAVIDÃO SEXUAL VIVIDO NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1945)

Thaís Daniel Agostinho da Silva¹

Resumo

Durante a segunda guerra mundial cerca de mais de 80 mil mulheres foram usadas como escravas sexuais pelo Exército Imperial japonês, sendo em sua grande maioria mulheres vindas da Coreia do Sul na época que eram colônias do Japão. Essas mulheres eram chamadas de “Mulheres de Conforto”, e muitas delas foram atraídas por promessas de emprego no Japão e acabam sendo sequestradas pelas tropas do Exército japonês. Foram levadas para as “Estações de Conforto” que eram também chamadas de bordéis. Muitas delas eram extremamente jovens e nesses espaços durante o dia teriam que servir muitos homens. As mulheres que sobreviveram a este período não puderam voltar para casa devido à vergonha e assim passaram a viver em silêncio. Foi negado a elas qualquer tipo de reparação ou pedido de desculpas sinceras, e mesmo anos depois do ocorrido elas esperaram tal reparação. O objetivo deste trabalho é reconhecer toda luta dessas mulheres, que lutaram para que o governo japonês reconhecesse a verdade e arcasse com o prejuízo que tiveram por causa do exército japonês, para chegar a tal objetivo vamos falar sobre a Segunda guerra e depois iremos falar sobre a mulher e em como estão inseridas na história e por fim iremos falar sobre as Mulheres de conforto e sobre como começaram a falar sobre as Estações de Conforto. Para isso iremos utilizar as leituras de Tatiana Azenha (2017), Sarah Soh (2008) e falas da sobrevivente Kim Hak Sun (1924-1997) vamos discutir sobre a história da “Mulheres de conforto”. Podemos concluir com a pesquisa que ainda temos muitos temas a pesquisar que ocorreram durante a segunda guerra e através de suas histórias podemos estudar e contar para que não seja esquecido ou deixado de lado.

Palavras-chave: Mulheres de Conforto; Escravidão Sexual; Segunda Guerra Mundial; Coreia; Japão.

¹ 1 Graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: thaisadaniel3@gmail.com.

ABSTRACT

During World War II, more than 80,000 women were used as sexual slaves by the Imperial Japanese army, the vast majority of whom came from South Korea at the time when they were colonies of Japan. These women were called "Comfort Women", and many of them were lured by promises of employment in Japan and ended up being kidnapped by Japanese Army troops. They were taken to the "Comfort Stations" which were also called brothels. Many of them were extremely young and in these spaces during the day they would have to serve a large number of men. The women who survived this period could not return home due to the shame and so they began to live in silence. They were denied any form of redress or sincere apology, and even years after the event they expected such redress. The objective of this work is to recognize all the struggle of these women, who fought for the Japanese government to recognize the truth and bear the damage it had because of the Japanese army, to reach this goal we will talk about the Second World War and then we will talk about the woman and how they are inserted in the story and finally we will talk about the Comfort Women and how to lead to talk about the Comfort Stations. For this we will use the readings of Tatiana Azenha (2017), Sarah Soh (2008) and the speeches of the survivor Kim Hak Sun (1924-1997) we will discuss the history of "Comfort women". We can conclude with the research that we still have many themes to research that occurred during the Second War and through their stories we can study and tell so that it is not forgotten or left aside.

Keywords: Comfort Women; Sexual Slavery; second World War, Korea, Japan.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. HISTORIOGRAFIA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.....	9
2.1 MULHERES NA HISTORIOGRAFIA II GUERRA MUNDIAL.....	15
2.2 “SISTEMAS DE CONFORTO” – “MULHERES DE CONFORTO”.....	17
2.3 PRIMEIROS MOVIMENTOS SOBRE AS “MULHERES DE CONFORTO”.....	22
2.4 UM NOVO OLHAR HISTORIOGRÁFICO.....	26
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	31

1. INTRODUÇÃO

As “Mulheres de Conforto” é o maior exemplo de exploração de mulheres que os coreanos experimentaram durante o período em que o Japão colonizou a Península Coreana. Este período está relacionado com a Revolução Industrial japonesa ocorrida durante a Restauração Meiji, cujo propósito foi a modernização do país. A busca por territórios aumentou, principalmente por causa da necessidade de matérias primas, e por isso a Coreia; uma fonte de carvão mineral foi anexada ao Japão em 1910. Com isto os coreanos foram forçados a trabalhar em campos de concentração que tinha como objetivo criar armamentos para os conflitos armados e assim começou a abrir espaço para que as jovens coreanas fossem “recrutadas” com promessa de empregos.

Não demorou e foram criadas as chamadas "Estações de Conforto", ou seja, bordéis militares construídos próximos às unidades militares onde as mulheres ficavam para servir sexualmente os militares. Esse sistema foi patrocinado pelo Estado e chegou a possuir entre 100.000 e 200.000 mulheres - número não exato - foram sequestradas pelo Japão. O método utilizado para recrutá-las foi a enganação, elas eram selecionadas sob o argumento de que iriam trabalhar em lugares “que precisavam de atenção médica”. Acerca dessa questão, o pesquisador Yuki Tanaka (2002, p 200) afirmou que esse foi “o maior e mais elaborado sistema de tráfico de mulheres da história, e um dos mais brutais”.

As mulheres recrutadas eram chamadas de “Mulheres de Conforto”. Segundo a pesquisadora Sarah Soh (2008) a expressão "Mulheres de Conforto" vem do termo inglês “Comfort Women”, em coreano “Wianbu” e “Lanfu” em japonês.

Quando estudamos sobre a Segunda Guerra Mundial focamos na Europa, mas ocorreram episódios na Ásia, a exemplo da Segunda Guerra Sino-Japonesa que aconteceu devido o Japão ter intenções expansionistas e se basear no forte militar. Também ocorreu a Batalha de Khalkhin Gol que nada mais foi que as disputas de terra entre japoneses e aliados soviéticos. Houve também o ataque a Pearl Harbor onde se enfatiza a ação dos soldados, mas não há referência às “Mulheres de Conforto”? Por que mesmo depois de anos o Japão nega a existência dessas mulheres e as atrocidades que lhes foram cometidas? Essas mulheres foram sequestradas e vinham de Taiwan, Indonésia, Coreia, China e Filipinas. Cerca de

1000 mulheres vieram das Filipinas, entre elas meninas de 14/15 anos de idade foram arrancadas das suas casas, estupradas e confinadas (PAIVA, 2021, p. 26).

Terminada a guerra, as sobreviventes começaram a contar suas histórias, entre elas Yi Yongny (1995). No seu depoimento essa sobrevivente disse: “os japoneses ocuparam nosso país e nos abusaram... Mas agora eles estão dando desculpas fracas sobre o recrutamento de “mulheres de conforto” e dizem que nós nos voluntariamos” (YIONGNY, 1995, p. 62.). Esse assunto foi falado pela primeira vez em um grande jornal quando a jornalista Matsui Yayori escreveu um artigo sobre tal assunto no jornal Asahi Shimbun. Os movimentos que surgiram, principalmente das coreanas, reivindicavam que o Japão pedisse desculpas e assumisse as responsabilidades por seus crimes e pagasse indenização para estas mulheres que sobreviveram (RAYMOND, 2015).

Quando falamos sobre o Japão estamos tocando num assunto em que eles não admitem, ou seja, não reconhecem que tais atrocidades realmente aconteceram. Quando o primeiro-ministro Shinzo Abe em 2007 falou que não tinha evidências de que o Exército japonês realmente forçou essas mulheres aos bordéis militares, ele também anunciou no Washington Post que as mulheres estavam “inseridas no Exército Japonês (...) trabalhando sob um sistema de prostituição regulamentado que era comum em todo o mundo na época” (RAYMOND, 2015).

Neste período as mulheres coreanas ficaram extremamente revoltadas com tais declarações. Por mais que no ano de 2015 o Japão e a Coreia tenham chegado a um acordo no mês de abril, o ministro do Japão foi para o congresso dos EUA e deu a seguinte declaração depois de questionado se ele pediria desculpas às mulheres coreanas. Raymond (2015) traz a seguinte fala do ministro do Japão: “Estou profundamente triste ao pensar nas mulheres de conforto que sofrem dores e sofrimentos imensuráveis devido ao tráfico de pessoas”. Ele mostrou que o Japão não tinha nada com o fato e não demonstrou responsabilidade pela dor causada as mulheres. Raymond (2015) continua trazendo mais falas dele e uma dessas falas ele mais uma vez evitou assumir a culpa por tais crimes causados às mulheres coreanas, quando em agosto de 2015, Abe disse: “Não devemos deixar que nossos filhos, netos e gerações futuras, que não têm nada a ver com essa guerra, sejam predestinados a pedir desculpas”.

Em meio ao silenciamento da temática “Mulheres de Conforto” na historiografia sobre a Segunda Guerra Mundial neste artigo discute-se a partir do

diálogo com a historiografia da Segunda Guerra Mundial e os documentos produzidos pelos movimentos feministas da Coreia do Sul que se mobilizou a favor das sobreviventes e assim rompeu com o silêncio, e revelou os abusos cometidos durante este período. Um dos principais objetivos deste trabalho é analisar o silenciamento das Mulheres de Conforto na historiografia da Segunda Guerra Mundial. Para tanto, recorreremos aos trabalhos de C. Sarah Soh em “The Comfort Women – Sexual Violence and Postcolonial Memory in Korea and Japan” (2008) que tivemos acesso dela em inglês já que não têm traduzida para o português e Yun Chung Ok investigadora da Universidade de Ehwa (1988) que conhecemos ela através do trabalho de Tatiana Azenha “Para além do Silêncio: o sistema de conforto e o papel dos movimentos feministas na questão das Mulheres de Conforto na Coreia do Sul (1905-2015)” e as fontes digitais, a exemplo de testemunhos, entrevistas e discursos das sobreviventes como por exemplo Kim Hak Sun (1924-1997) onde suas falas e discursos encontramos publicados em sites e canais. Portanto, trata-se de uma pesquisa bibliográfica desenvolvida a partir da leitura e análise do que se produziu e tivemos acesso sobre a temática em questão.

2. HISTORIOGRAFIA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Nesse tópico vamos abordar a historiografia da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) recorreremos a alguns trabalhos que foram publicados sobre este período, com a ajuda dos autores Max Hastings (2011) e Norman Davies (1996) que a discussão está centrada no ocidente, partindo desse ponto abordamos o lugar das mulheres na história, principalmente mulheres orientais e finalizamos contando a história das Mulheres de Conforto durante a Segunda Guerra Mundial.

A Segunda Guerra Mundial teve início em setembro de 1939 depois que a Alemanha invadiu a Polônia. Três dias depois da agressão, Inglaterra e França declararam guerra aos alemães. Um mês depois a Polônia foi derrotada pelas forças alemãs e soviéticas e assim seu território foi dividido entre Alemanha e a União Soviética.

O silêncio que decaiu sobre a Polônia terminou em abril de 1940 quando os alemães invadiram a Noruega e a Dinamarca. Em maio do mesmo ano, a Alemanha fez ataques contra a Europa Ocidental e invadiu os Países Baixos, que até então estavam neutros, e invadiram a França. Em junho de 1940 os franceses assinaram

um tratado de cessar-fogo com a Alemanha onde eles autorizaram os alemães a ocupar parte da França (HASTINGS, 2011, p. 23).

A União Soviética ocupou os estados bálticos - Lituânia, Letônia e Estônia - em junho de 1940 e os incorporou formalmente à União Soviética. A Itália, como parte das "Potências do Eixo", aliada à Alemanha, entrou na guerra em 10 de junho de 1940. De 10 de julho a 31 de outubro de 1940, os nazistas travaram uma feroz batalha aérea com a Grã-Bretanha, conhecida como "Guerra Aérea", sendo derrotados no fim. Em abril de 1941 eles garantiram suas posições em Balcãs depois de invadir a Iugoslávia e a Grécia, e em junho do mesmo ano os alemães invadiram a União Soviética e assim violam diretamente o pacto de não agressão e no mesmo período ocuparam os estados bálticos (GILBERT, 2014, p. 23).

O chefe de Estado soviético Joseph Stalin se opôs à Alemanha nazista e seus parceiros do "Eixo" e desde então se tornou um importante líder das forças aliadas. Durante o verão e o outono de 1941, as tropas alemãs avançaram para o território soviético, mas a resistência obstinada do Exército Vermelho impediu que ocupassem grandes cidades como Leningrado (agora São Petersburgo) e Moscou. Em 6 de dezembro de 1941, os soviéticos reagiram, fazendo com que os alemães deixassem Moscou para sempre. Um dia depois, em 7 de dezembro de 1941, as potências do Eixo, o Japão, bombardearam Pearl Harbor, no Havaí, e os Estados Unidos imediatamente declararam guerra ao Japão. Em 11 de dezembro, a Alemanha e a Itália declararam guerra aos Estados Unidos e assim os conflitos militares se espalharam por todos os continentes (ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO, 2022).

Em maio de 1942, a Força Aérea Real liderou 1.000 bombardeiros para realizar um ataque aéreo na cidade alemã de Colônia, trazendo assim a guerra para a Alemanha pela primeira vez. Nos três anos seguintes, as forças aéreas aliadas bombardearam sistematicamente instalações industriais e cidades em todo o Reich, arrasando grande parte das áreas urbanas da Alemanha em 1945 (GILBERT, 2014, p. 416).

No final de 1942 e início de 1943, os Aliados alcançaram uma série de sucessos militares na Alemanha. No norte da África, estavam sob domínio alemão. O fracasso das forças armadas francesas em impedir a ocupação aliada de Marrocos e Argélia resultou na captura na Alemanha da colaboradora francesa de Vichy em 11 de novembro de 1942. (GILBERT, 2014, p. 427-430).

Cerca de 150.000 unidades militares do Eixo Africano se renderam em maio de 1943. Na frente da Europa Oriental, no verão de 1942, os alemães e seus aliados do Eixo relançaram sua ofensiva contra a União Soviética ao tentar capturar as cidades de Stalingrado (agora Volgagrado) e Baku ao longo do Rio Volga (no Azerbaijão) e o petróleo campos no Cáucaso (zona entre o Mar Negro e o Mar Cáspio (ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO, 2022).

No final do verão de 1942, a ofensiva alemã em ambas as frentes cessou. Em novembro do mesmo ano, os soviéticos lançaram uma contraofensiva em Stalingrado e, em 2 de fevereiro de 1943, o Sexto Exército Alemão se rendeu aos soviéticos. Em julho de 1943, na maior batalha de tanques da história, os alemães ainda tentavam atacar Kursk (uma cidade russa próxima à Ucrânia), mas os soviéticos enfrentaram o ataque de frente, capturando uma área militar da qual nunca desistiu o restante do período de guerra (GILBERT, 2014, p. 466-477).

Em julho de 1943, as forças aliadas desembarcaram na Sicília (na Itália) e chegaram ao território italiano em setembro. Os militares italianos chegaram ao poder em 08 de setembro daquele ano e negociaram uma rendição às forças britânicas e americanas depois que o Conselho do Partido Fascista derrubou o primeiro-ministro Benito Mussolini, um aliado de Hitler. As tropas alemãs ainda estacionadas na Itália assumiram o controle do norte da Península Italiana e continuaram a resistir. Mussolini foi preso pelas autoridades militares italianas, resgatado em setembro por comandos da SS e estabeleceu um regime fantoche neofascista sob o comando alemão no norte da Itália. As forças alemãs continuaram a controlar o norte da Itália até a rendição da Itália em 02 de maio de 1945. Em 06 de junho de 1944, no chamado "Dia D", com uma operação militar massiva, 150.000 soldados das forças aliadas chegaram na França e assim no final do mês os nazistas os libertaram. Em setembro do mesmo ano, tropas dos Estados Unidos da América entraram na Alemanha depois dos soviéticos ultrapassarem a fronteira oriental, os alemães lançaram um contra-ataque na Bélgica e no norte da França; esse conflito ficou conhecido como Batalha de Bulge (ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO, 2022)

Em janeiro de 1945 os soviéticos libertaram a Polônia e forçaram a Hungria a se render, em fevereiro do mesmo ano os aliados bombardearam a cidade alemã de Dresden chegando a ter 35.000 mil mortes de civis. Em março de 1945 os

americanos cruzaram o Rio Reno, mas a ofensiva soviética final começou em 16 de abril de 1945, o que permitiu às tropas soviéticas cercar Berlim.

No final de abril, enquanto tropas soviéticas caminhavam para a Chancelaria do Reich, Hitler cometeu suicídio. Em maio do mesmo ano, a Alemanha se rendeu aos países aliados do ocidente e em 09 de maio aos soviéticos. No Oceano Pacífico a guerra continuou em andamento, porém ela chegou ao seu fim quando foram lançadas bombas atômicas nas cidades de Hiroshima e Nagasaki, e o Japão se rendeu em 02 de setembro de 1945.

Durante a leitura da obra *O Inferno: o mundo em guerra 1939-1945* de Max Hastings (2011) durante a narrativa que ele traz ele constrói no livro vemos como ele tenta trazer um lado mais humano quando se refere aos acontecimentos que ocorreram durante a guerra principalmente porque ele sempre tenta trazer durante sua escrita as pessoas que estavam durante o período que ocorreu a guerra como um exemplo ele fala sobre muitos jovens que perderam pessoas importante.

A leitura dessa obra nos possibilitou entender o que aconteceu durante tal período da história, porém durante as pesquisas realizadas identificamos a falta de discussão acerca de vários temas relacionados à Segunda Guerra Mundial. Por mais que existam trabalhos, o acesso nem sempre é fácil, principalmente quando falamos sobre as mulheres e onde elas estavam inseridas neste período e que situações passaram durante a Segunda Guerra Mundial.

Durante a realização da pesquisa percebemos que os trabalhos analisados focam a discussão em torno do Ocidente e acabam por esquecer outros espaços que também se envolveram com a Segunda Guerra Mundial. Durante as leituras percebemos que podemos separar a historiografia da Segunda Guerra em três etapas: a) história militar, essa perspectiva estuda as grandes batalhas, cujo estudioso que se destaca é Stephen Ambrose. Na obra "Soldados e Cidadãos" (1997) ele parte do Americano centrismo enfatiza os soldados americanos como principais protagonistas da guerra. b) A segunda perspectiva historiográfica se dedica a estudar a natureza dos sistemas políticos envolvidos na guerra, mais especificamente o fascismo, comunismo e a democracia liberal, sobretudo, as experiências do Reino Unido e América do Norte. c) A terceira perspectiva historiográfica é o Holocausto; essa perspectiva traz assuntos e temas importantes que não podemos esquecer, no entanto, vários outros assuntos são colocados em silêncio e negados.

No contexto da produção historiográfica sobre a II Guerra Mundial, Norman Davies publicou um livro chamado Europa na Guerra (1939-1945) onde ele aponta as muitas lacunas sobre essa guerra e afirma que muitos documentos importantes sobre ela foram “perdidos”, mas isto não impediu uma grande quantidade de trabalhos fossem escritos, os quais se referem a Hitler. Até mesmo os trabalhos que trazem a história geral dessa guerra se referem a esse sujeito.

Na construção deste trabalho recorri a dois autores para entender sobre a Segunda Guerra Mundial. São eles, Max Hastings com o livro intitulado O inferno (2011). Nessa obra ele trata toda a história da Segunda Guerra Mundial, foca atenção na história das pessoas que estavam vivendo durante este período, traz o lado humano do período de guerra, quando faz a seguinte afirmação:

Na cultura ocidental, é claro, o conflito continua a exercer fascínio extraordinário para gerações que nem eram nascidas quando ele ocorreu. A explicação óbvia é ter sido o maior e mais terrível evento na história humana. No vasto escopo da luta, alguns indivíduos escalaram picos de coragem e de nobreza, enquanto outros rolaram para as profundezas do mal de um modo que impressiona a posteridade (HASTINGS, 2011, p. 671).

Por mais que ele durante toda sua pesquisa se refira ao Japão, ainda assim o ocidente prevalece e se constitui o principal objeto da discussão e análise.

Outro autor a quem recorri foi Martin Gilbert, seu livro traz uma história geral da Segunda Guerra Mundial, e assim discute fatos diferentes quando comparado ao estudo de Max.

Porém como afirmamos anteriormente há uma tendência dos estudos sobre a Segunda Guerra Mundial focar o ocidente, e esquecer a existência de outros espaços e fatos envolvidos que compõem o cenário da guerra para além do que está escrito. No geral, a historiografia está focada no ocidente, o que faz com que haja pouco ou quase nenhuma questão ou assuntos que aconteceram durante esse evento fora desse espaço. Isso faz com que prevaleça na produção historiográfica sobre a Segunda Guerra Mundial a perspectiva da história única, conforme anuncia Adichie (2009) quando afirma:

Então, é assim que se cria uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que ele se tornará. É impossível falar sobre uma única história sem falar sobre poder [...] como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder.

Poder é a habilidade de não só contar a história de outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa. O poeta palestino Mourid Barghouti escreve que se você quer destituir uma pessoa, o jeito mais simples é contar sua história, e começar com “em segundo lugar”. Comece uma história com as flechas dos nativos americanos, e não com a chegada dos britânicos, e você tem uma história totalmente diferente [...] Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida (ADICHIE, 2009, p. 12).

Com o propósito de superar essa perspectiva historiográfica, ou seja, da história única, discutimos sobre a Segunda Guerra Mundial a partir de um olhar fora do espaço ocidental. O Nosso propósito é discutir o que estava acontecendo durante este período em outro espaço e com outros sujeitos que não apenas os soldados, quando a historiografia sobre essa guerra foca a narrativa no ocidente. Nesse sentido trazemos diferentes olhares e uma nova memória sobre esse fato, e assim problematizamos a historiografia, como afirma Rollemberg (2016).

A história é muito mais complexa do que a memória, construída do presente para o passado, invertendo a direção da própria história, aparando arestas indesejáveis, possibilidades incômodas, buscando legitimar a realidade presente e os projetos para o futuro. A memória inventa o passado. [...] A ideologia impede, ainda hoje, o esclarecimento dos fatos (ROLLEMBERG, 2016, p. 343).

Como visto na citação anterior de Rollemberg (2016) vemos que ela aborda que temos que ter um questionamento da historiografia que seja mais capaz de problematizar o passado que isto muitas das vezes é impedido por causa das nossas próprias ideias que faz com que não paramos para realmente ir atrás de certos fatos e acontecimentos por isso podemos muito pensar nas mulheres e como elas estão inseridas no que é se falado sobre a Segunda guerra.

As mulheres tiveram participação na Segunda Guerra Mundial, e em condições diversificadas; elas estavam nos bastidores, mas também à frente dos combates, elas trabalhavam nas fábricas que produziam as munições usadas na guerra e chegaram a dirigir os tanques, foram enfermeiras entre várias outras funções.

As mulheres passaram por todas as atrocidades nos campos de guerra e de concentração, enfrentaram às bombas nucleares e utilizaram armamentos diversos,

o que fez da Segunda Guerra um conflito em que homens e mulheres participaram. Por isso neste trabalho falamos sobre as mulheres e o porquê de elas terem sido silenciadas na história. A partir desta problemática veremos a Segunda Guerra na perspectiva das Mulheres de Conforto.

2.1 MULHERES NA HISTORIOGRAFIA II GUERRA MUNDIAL

(...) as mulheres, em primeiro lugar, são vistas, descritas e representadas pelos homens. Trata-se em seguida de imaginar as mulheres através desses depoimentos. Isso implica um trabalho de análise crítica e desconstrução da linguagem e das imagens, que faz parte dos métodos atuais de decifração dos discursos e dos quais a história das mulheres é parte integrante no mais alto ponto. Ela serve-se dos mais contemporâneos materiais e instrumentos para atender às suas próprias necessidades (PERROT, 1998, p. 9).

Com uma produção historiográfica eminentemente masculina por certo tempo às mulheres permaneceram ocultas da história humana, não que elas não tivessem participação nos fatos ocorridos mundo afora, mas quando da escrita da história foram silenciadas. No geral quando a elas se referiram na história, foram apontadas como frágeis e suas existências dependiam do homem. Até final do século XX quando porventura estudávamos sobre as mulheres muitas das vezes eram trabalhos escritos por homens. Esses trabalhos ainda são recorrentes, no entanto, é preciso separar o autor do sujeito sobre quem se escreve para poder entender sobre onde elas estavam inseridas.

Acerca dessa questão, Perrot (1988) afirma que por muito tempo não se queria escrever e dizer sobre as mulheres, visto que escrever suas histórias significaria levá-las a sério e isso teria um peso na relação entre ambos os sexos. Nessa perspectiva, reconhecer a voz das mulheres é dizer que nem sempre os únicos “guerreiros” foram os homens.

Quando se trata de colocar as mulheres nas narrativas tem-se que ir atrás de outros campos temáticos e buscar novas referências, nem sempre presentes na historiografia. Desta feita, é relevante a discussão sobre gênero quando o assunto da pesquisa são as mulheres. Faz-se necessário situar tal debate no campo social e entender que é em tal campo que se reproduz a desigualdade; condição que se reverbera na produção historiográfica.

Um das dificuldades que se enfrenta quando estuda sobre as mulheres é a natureza masculina recorrente na historiografia, o que leva ao ocultamento dos papéis sociais das mulheres em diferentes tempos. Em função da invisibilidade a que as mulheres foram colocadas, alguns/as autores/as como George Duby e Michelle Perrot, por exemplo, perguntam:

Escrever a história das mulheres? Durante muito tempo foi uma questão incongruente ou ausente. Voltadas ao silêncio da reprodução materna e doméstica, na sombra da domesticidade que não merece ser quantificada nem narrada, terão mesmo as mulheres uma história? (DUBY, PERROT, 1990, p. 9)

No exercício de escrita da história temos que compreender o seguinte, quando falamos sobre mulheres as relações de poder estão em jogo e nela às mulheres quando têm poder são manipuladoras. Sobre essa questão, a autora Joan Scott afirma que a desigualdade à qual estamos submetidas vem da relação de subordinação e dominação imposta às mulheres. Isto porque estamos falando de uma historiografia das mulheres ocidentais, quando olhamos o outro lado do mundo, a condição é igual ou pior.

A historiografia na perspectiva masculina silenciou as mulheres para se favorecer. Trata-se, portanto, de uma relação de poder, que não está limitada a produção historiográfica, mas passa também pela ação dos governos, estes muitas das vezes encobre algo que não vai ser visto como bonito para sua imagem, mesmo que para eles não importam quantas serão as vítimas ocultas e silenciadas, conforme afirma Pollak.

Muitas vezes também o silêncio das vítimas internadas oficialmente nos campos por motivos outros que não políticos" reflete uma necessidade de fazer boa figura diante das representações dominantes que valorizam as vítimas da perseguição política mais que as outras (POLLAK, 1989, p. 15)

Nesse sentido, é importante trazer à tona a imagem da mulher como bonita, ainda que sua realidade não seja. Não se trata da beleza física, mas da beleza da narrativa escrita com resistência e afirmação. Por isso, escrever sobre as mulheres na história é não deixar o silêncio perpetuar, uma vez que esse assunto é de extrema importância para toda sociedade.

Porém no exercício de fazer história das mulheres, há certos problemas. Um deles é a falta de historiadores e historiadoras; homens e mulheres, que expliquem

com mais frequência o estabelecimento, o início e a importância dos fatos históricos envolvendo as mulheres, já que por muito tempo muitos momentos históricos - Segunda Guerra- ficaram simplesmente sob uma perspectiva masculina onde se fazia pouca referência às mulheres. A falta de estudos ou sínteses mais regionais sobre a história das mulheres legitima a compreensão de que não tiveram participação relevante nos fatos que merecessem ser escritos. Diante disso perguntamos: para que serve a história das mulheres? A resposta é poder contar suas histórias e tirar elas do silêncio que é imposto, quando falamos sobre a história das mulheres sabemos que é algo pesado e muito difícil de falar, porém é por causa disso que não podemos deixar de falar sobre elas.

2.2 “SISTEMAS DE CONFORTO” – “MULHERES DE CONFORTO”

As “Estações de Conforto” são bordéis que ficavam perto de lugares onde os militares estariam operando para eles ter um "fácil" acesso a essas e as “mulheres de conforto” eram escravas sexuais que viviam para satisfazer e confortar sexualmente os soldados do exército já que eles “precisavam” se satisfazer para poderem fazer melhor seus trabalhos.

As “Estações de Conforto” (EC) começaram a surgir por volta de 1932 durante os conflitos decorrentes das ocupações japonesas na China (Manchúria). Elas foram criadas para “motivar” as tropas e eram acompanhadas de prostitutas.

Com os avanços das ocupações japonesas no território chinês, e a disseminação da violência, as tropas ficaram mais tensas. Em 1997 a autora Iris Chang trouxe em seu livro² Uma entrevista realizada com o veterano de guerra e ele descreve os ataques da guerra na cidade de Nanquim - a primeira cidade atacada. No trabalho de Tatiana Azenha ela traz a seguinte frase de um ex-soldado chamado Takoro Kozo, recorda: "(...) As mulheres foram as que mais sofreram" (...) "Não importa quão jovens ou velhas, todas elas não escaparam do destino de serem estupradas"³ (AZENHA, 2017, p. 22 apud CHANG,1997, p. 48–50).

Paiva (2021) fala que para tanto, foi atribuída ao general japonês Okamura Yasuji a missão de criar o sistema de conforto, o que exigiu que ele requisitar junto ao governador de Nagasaki o envio de “mulheres de conforto” para a cidade de

² Rape of Nanking.

³ Original: "Women suffered the most,"(...) "No matter how young or old, they all could not escape the fate of being raped".

Xangai e que em sua grande maioria fosse mulheres japonesas no intuito de que elas "apoiassem" e consolasse - sexualmente- os soldados, visto que não se sabia quando os conflitos armados iriam acabar. A condição de guerra e os constantes ataques tornavam os soldados violentos, e a cada passo que o Japão avançava, eles ficavam mais violentos.

Segundo Paiva (2021) ela diz que em 13 de dezembro de 1937 até o início de fevereiro de 1938 ocorreu um dos momentos mais violentos da guerra. Durante seis semanas o número de assassinatos e estupros foi extremamente alto, o número de chineses mortos também. O Tribunal Militar Internacional para o Extremo Oriente chegou a estimar 200 mil pessoas violentadas e o governo da China estimou cerca de 300 mil chineses violentados pelos japoneses. Frente a essa realidade a perspectiva dos chineses era a de não permitir que houvesse resistência dos soldados japoneses.

Para tanto, abriram fogo sem distinguir militares e civis. Para as mulheres e meninas o tratamento era diferenciado, os soldados japoneses iam às casas - templos também- a procura delas e levavam para serem estupradas tanto de forma coletiva quanto individual. Muitas mulheres que não foram mortas durante o estupro, foram abandonadas na rua para morrer. Outras foram colocadas em veículos – carros, caminhões – e levadas para servirem de escravas sexuais aos oficiais japoneses (CHANG, 1997, p. 50).

A autora Sarah Soh (1996) afirma que na época da guerra a violência contra as mulheres não foi denunciada aos jornalistas americanos Frank Tillman Furdin, do The New York Times, Archibald Steele, do Chicago Daily News e C. Yates McDaniel, da Associated Press. A denúncia foi feita às autoridades japonesas sobre o que os soldados japoneses estavam fazendo na China com o intuito de mostrar-lhes a brutalidade de seus compatriotas.(PAIVA,2021,p 25)

Todavia, não adiantava ao governo do Japão apenas conhecer as ações dos seus soldados, ele carecia de um plano para conter tais brutalidades, de modo que não ocorresse com as mulheres locais - ou em grande escala. Diante a essa realidade as Estações de Conforto foram ampliadas e se tornaram formais, sobretudo, na época do Imperador Hirohito.

Com a formalização das Estações de Conforto o sistema de recrutamento teve facilidade na gestão dos recursos destinados a esses espaços e na aplicação dos meios utilizados para trazer as mulheres para os locais onde estavam sendo

ocupados com os soldados militares japoneses, como a China, Taiwan, Holanda⁴, Indonésia, Filipinas e Coreia (SOH, 1996, p. 1226).

No início as prostitutas japonesas eram usadas no sistema, porém eram recrutadas as mulheres mais velhas e assim mais "experientes" o que acabava por torná-las mais passíveis a pegar doenças sexualmente transmissíveis - muitas já tinham doenças- e passavam para os soldados. Desta feita, o governo japonês começou com o sistema a recrutar mulheres mais jovens e solteiras - virgens e livres de doenças - de várias regiões para servirem como "mulheres de conforto" (SOH, 1996, p. 1240).

PAIVA (2021) fala que a entrada das mulheres nesse sistema foi uma ideia do médico ginecologista e militar japonês Aso Tetsuo, ele foi o primeiro oficial a comandar os exames de saúde das Mulheres de Conforto em 1937. A partir de então, as mulheres foram enviadas a Xangai. Tetsuo (2004) afirma que a medida foi tomada para diminuir as doenças transmissíveis aos soldados, e, para tanto, foram distribuídos preservativos⁵ às mulheres jovens e virgens, o que as tornavam livres das doenças. Durante os exames médicos as mulheres também eram estupradas, o próprio Tetsuo falou em 2004 que as mulheres eram vistas como meros objetos.

Pesquisadores como Soh e Hicks (1997) afirmaram que a entrada das mulheres coreanas no Sistema de Conforto tem dois pontos de vista. O primeiro afirma que durante a anexação da Península Coreana ao Japão no ano de 1910 acabou por tornar a população coreana leal ao imperador e a segunda explicação é que o governo japonês se achava superior ao coreano, visto como inferior. Por isso, as mulheres coreanas eram aptas a serem "mulheres de conforto". Segundo Soh (2008) durante o período colonial japonês, especialmente durante o maior conflito japonês daquele período, ou seja, a Segunda Guerra Sino-Japonesa, os coreanos foram empobrecidos e as mulheres começaram trabalhar nas fábricas sob a vigilância do governo japonês, o que facilitou o "recrutamento". O processo de recrutamento incluía coerção física e psicológica, sequestro e falsas promessas de emprego.(Paiva, 2021, p 26)

Segundo Paiva (2021) a seleção das mulheres de conforto possuía um sistema totalmente organizado, primeiro consistia em dois agentes de recrutamento

⁴ Neste período a Holanda estava ocupando a Índia.

⁵ Temos que saber que os preservativos foram criados no ano de 1901 e que no ano de 1935 nos Estados unidos foram criados mais de um milhão.

chamados de recrutadores e facilitadores. Os primeiros eram civis e de nacionalidade japonesa e coreana e seu papel era o de identificar e selecionar as mulheres. Nesta categoria se encontravam os membros da Cheongshindae – Women’s Voluntary Corps.

No segundo caso os facilitadores na maioria eram soldados que mantinham trabalhos na região e o seu papel era emitir documentos as mulheres que fossem viajar para as cidades onde serviriam como Mulheres de Conforto. Os facilitadores identificavam as vítimas e emitem documentos, e em seguida passavam para os recrutadores que se utilizavam de qualquer método para "recrutar" as mulheres. (AZENHA,2017, p 26).

O local - onde ficavam as “Estações de Conforto” - era chamado de “Centro de Entretenimento” esse espaço era frequentado e controlado por soldados japoneses, mas as mulheres recrutadas eram colocadas em situações precárias e obrigadas a manterem relações sexuais com os soldados. No geral chegavam a atender de 10 a 30 homens por dia, sendo nos dias que ocorresse alguma missão esse número aumentava.

Estima-se que havia 125 "Estações de Conforto" espalhadas pelas seguintes cidades: 10 em Shanghai, 4 em Hangzhou, 8 em Zenjiang, 1 em Changzhou, 1 em Yanzhou, 1 em Danyang, 20 em Nanquim, 6 em Wuhu, 22 em Jiujiang, 11 em Nanchang, 20 em Hankou, 2 em Gedian, 2 em Huarongzen, 1 em Yingshan e 2 em Yichang (PAIVA, 2021, p 29).

FIGURA 01 – Localizações das “Estações de conforto”



Fonte: AWF

Segundo a escritora Sarah Soh (2008) as estações estavam sujeitas à época histórica e ao número de soldados que viriam servir, portanto, elas poderiam assumir qualquer categoria quando se fala nesse sentido ela quer dizer que podiam servir oficiais de alto escalão quanto a soldados, sendo assim a categorização que teve durante foi a de que as mulheres japonesas e europeias serviam a oficiais japoneses e as coreanas serviram aos soldados japoneses.

As mulheres eram vistas, de acordo com Hasegawa Yasushi “necessárias” (cf. Garon, 1993). No entanto, Gueron considerava a prostituição: “(...) ser necessário mas dificilmente um mal, pois o corpo masculino precisava satisfazer a luxúria sexual para se manter (...)” (HOUSE OF SHARING, s.d., Apud AZENHA, 2017, p.24 Tradução nossa)⁶.

Como os homens precisavam satisfazer-se sexualmente e assim se manterem sãos muitos se drogavam para facilitar o trabalho e por mais que fosse usado o preservativo a quantidade distribuída era pouca e não atendia ao grande contingente de homens, o que fazia com que muitas mulheres utilizam o preservativo em virtude da quantidade de homens que elas “atendiam”. Exames eram feitos com uma frequência regular para assim saberem como estava à saúde delas, muitas das vezes eram submetidas a procedimentos abortivos, o que fazia com que não engravidassem (LADINO, 2009 apud PAIVA, 2021, p. 30).

As mulheres também eram cotidianamente torturadas, espancadas, queimadas e, em alguns casos, esfaqueadas. Algumas garotas morreram de DST’s, enquanto outras cometeram suicídio. Com o exército japonês na Guerra do Pacífico, muitos soldados japoneses abandonaram as escravas sexuais ou, em alguns casos, eles a mataram (YUN, 1988, p 307). De acordo com Soh (2008).

[...] os soldados também usaram o termo objetificante graficamente “banheiro público” (kyodo benjo) para se referir a essas mulheres, sublinhando simbolicamente a desumanização e objetificação das mulheres como receptáculos sexuais [...] (SOH, 2008, p. 700. tradução nossa).⁷

Com o fim da Segunda Guerra Mundial nos anos seguintes, o governo japonês escondeu – com sucesso – a utilização das escravas sexuais de países

⁶ Original: “(...) to be necessary but hardly an evil, for the male body needed to satisfy sexual lust to maintain itself (...)” (HOUSE of SHARING, s.d., p.23).

⁷ Original: “(...) the soldiers also used the graphically objectifying term “public toilet” (kyodo benjo) to refer to this women, symbolically underlining the dehumanization and objectification of women as sexual receptacles (...)” (SOH, 2008, p. 700).

internacionais. Isto porque o governo prevendo a derrota mandou destruir qualquer documento que indicasse sobre as Estações de Conforto.

Em 1950 depois do fim da guerra e com a libertação da Coreia em 1945, o sistema veio à tona quando as sobreviventes começaram vir a público e falarem o que sofreram. Elas demoraram tanto para vir ao público devido à falta de documentos, o medo de denunciar e o julgamento que viria a ter, foi só no ano de 1988 que o tema começou a ganhar destaque (PAIVA,2021, p 30).

2.3 PRIMEIROS MOVIMENTOS SOBRE AS “MULHERES DE CONFORTO”

Nesta parte do trabalho vamos falar sobre os primeiros movimentos das mulheres de conforto e o como elas começaram a dar seus depoimentos e o que elas mais queriam que fosse um pedido de desculpas do Japão e depois desses movimentos vamos fazer uma ponte com o próximo tópico que é falar sobre a história oral e como os testemunhos delas foi importante.

A discussão sobre as “Mulheres de Conforto” começou a ser feita, segundo Azenha (2017) durante a Conferência Internacional sobre Mulheres e Turismo (International Conference on Women and Tourism) realizada na Ilha de Jeju (Província Sul-coreana) em 1988. Essa conferência foi organizada por um grupo da Igreja das Mulheres Coreanas Unidas (KCWU) e coordenada por Yun Chung Ok, investigadora da Universidade de Ehwa (Universidade Sul coreana). Na ocasião ela apresentou os resultados das suas investigações (mulheres de conforto) com o propósito de discutir sobre as Mulheres de Conforto através do Women’s Voluntary corps (grupo de apoio às mulheres) na Coreia. Tal evento foi a primeira discussão pública sobre as “Mulheres de Conforto”.

Durante a conferência Yun Chung Ok fez com que sua investigação despertasse a curiosidade e o interesse do público participante sobre o assunto e o instigasse a investigar de modo aprofundado. Como resultado do debate e discussão promovida em 1990 foi fundado o primeiro grupo de estudos sobre o assunto, intitulado de Associação de Investigação Chongsindae (Chongsindae Research Association). Esse grupo foi o primeiro a levantar voz em defesa das “Mulheres de Conforto” no contexto internacional. No mesmo ano foi fundado “Korean Council for the Women Drafted for Military Sexual Slavery by Japan”; uma organização feminista especializada na defesa dos direitos femininos. Seu objetivo

era proceder com a investigação sobre as “Mulheres de Conforto” e incentivar futuras investigações, o que levou Vargas (2009) a afirmar que também eram fornecidas apoio jurídico e acadêmico as investigações sobre exploração e violência contra as mulheres. Além desse apoio também era prestado apoio social e realizações de atividades voltadas para as “Mulheres de Conforto”, conforme afirma Azenha (2017). As organizações de eventos em favor das “Mulheres de Conforto” ocorriam da seguinte forma: (1) Manifestações Semanais; (2) Atividades de apoio social; (3) Acolhimento; (4) Museu da Guerra e dos Direitos das Mulheres; (5) Campanhas de Solidariedade Regional (Campaigns and Domestic Solidarity); (6) Investigações Acadêmicas; (7) Campanhas Internacionais; (8) Solidariedade com a Coreia do Norte e outras Nações Asiáticas; (9) Tribunal Internacional das Mulheres e Crimes de Guerra e (10) O Fundo Borboleta (The Butterfly Fund) (AZENHA apud SEO, 2017, p. 43).

A partir dessas ações, muitas das mulheres sobreviventes da exploração e horrores a que eram submetidas nas Estações de Conforto começaram a falar sobre o ocorrido, mas na verdade elas só vieram a falar no ano de 1991, quando a sobrevivente Kim Hak Sun apoiada pelo Korean Council partilhou sua experiência sobre ter sido Mulher de Conforto e assim quebrou o silêncio que perdurava por 46 anos depois do fim da Segunda Guerra Mundial.

Eles nos pegaram como se fôssemos algum tipo de objeto e nos usaram como quiseram. Quando sucumbimos com problemas como doenças, eles nos abandonaram como objetos ou nos mataram-South Korea's KBS-TV,1992 (SANG-HUN, 2021. Tradução nossa).⁸

No ano de 1991 foi fundado como consequência das declarações de Kim Hak Sun, o “Korean Council for the Women Drafted for Military Sexual Slavery by Japan” (Korean Council), nasceu da associação de trinta e três grupos feministas com a participação majoritária de movimentos cristãos da Coreia. Acerca dessa questão, Azenha (2017) afirma que tinha muitas atividades centralizadas onde um dentre vários era a restauração dos direitos humanos das vítimas. Devido à coragem de Kim Hak Sun, a WHU recebeu 99 relatos de outras mulheres que alegavam ser sobreviventes da Sociedade de Conforto. Em decorrência desse fato, em 1992

⁸ Original: “They took us as if we were some kind of object, and used us however they wanted. When we broke down with problems like diseases, they abandoned us like objects or killed us” -South Korea's KBS-TV,1992 (SANG-HUN, 2021)

ocorreu a primeira manifestação em frente à embaixada do Japão onde as mulheres reivindicavam das autoridades japonesas um pedido de desculpas oficial.

Na noite de 14 de agosto, abri minha boca na frente de todos os repórteres da mídia. Eu estava furioso. Eu queria que todas as mulheres coreanas abrissem os olhos e encararem a verdade. Olhe para o Japão. Sofremos muito nas mãos do povo japonês. Poderíamos ser melhores mesmo depois dessa história dolorosa. Algumas mulheres não têm absolutamente nenhuma idéia sobre o que está acontecendo (AZENHA, 2017, p 44. apud Asian's Women's Fund, 2015, p. 44. Tradução nossa).⁹

Com as investigações seguindo rumo sob a coordenação de Korean Council; Yoshimi Yoshiaki¹⁰ publicou os resultados das suas investigações sobre as Sociedades de Conforto na biblioteca do Instituto de Investigação do Ministério da Defesa do Japão onde ela afirma a existências de documentos que mostram o envolvimento direto do exército japonês nesse episódio (ASIAN'S WOMEN'S FUND, 2015, p. 44 apud AZENHA, 2017, p. 44).

Devido à publicação de Yoshiaki ter repercutido internacionalmente e internamente no Japão, levou o governo japonês a vir a público e afirmar que iria investigar e comprovar se era verdade tudo que estava na investigação sobre as “Mulheres de Conforto”. No ano de 1991 a New York Times disse que o primeiro-ministro japonês Kiichi Miyazawa realizou uma visita diplomática à Coreia do Sul e se encontrou com Roh Tae Woo. Durante o que Roh Tae Woo realizou para receber o senhor Miyazawa, esse fez a seguinte declaração:

Nós, japoneses, devemos, antes de mais nada, recordar a verdade daquele trágico período em que as ações japonesas infligiram sofrimento e tristeza ao seu povo. Nunca devemos esquecer nossos sentimentos de remorso por isso. Como primeiro-ministro do Japão, gostaria de declarar novamente meu remorso por esses atos e apresentar minhas desculpas ao povo da República da Coreia. (New York Times, 1991, apud AZENHA, 2017, p. 45. Tradução nossa)¹¹

⁹ Original: On the evening of August 14, I opened my mouth in front of all the reporters from the news media. I was furious. I wanted all the Korean women to open their eyes and face the truth. Look at Japan. We have suffered so much in the hands of Japanese people. We could be better even after that painful history. Some women have absolutely no idea about what's going on – Kim Hak Sun, 1992;(AZENHA, 2017, p 44 Apud Asian's Women's Fund, 2015, p 44)

¹⁰ Yoshimi Yoshiaki (n.1946) professor de história moderna em Tóquio e tornou-se conhecido por ter sido o primeiro investigador a descobrir as provas documentais de que o Exército do Japão recorreu ao SC para recrutar e mobilizar MC para as EC.

¹¹ Original: We Japanese should first and foremost recall the truth of that tragic period when Japanese actions inflicted suffering and sorrow upon your people. We should never forget our feelings of remorse over this. As Prime Minister of Japan, I would like to declare anew my remorse at these deeds and tender my apology to the people of the Republic of Korea.

Apesar da diplomacia Japonesa, o pedido de desculpas do governo japonês as mulheres que foram exploradas pelo exército desse país não vieram fácil, somente veio um pedido de desculpas no ano de 1993 conforme afirma Azenha (2017) quando do aniversário de 50º anos do fim da Segunda Guerra Mundial. Depois de um mês fazendo investigação sobre Sociedades de Conforto, o Chefe de Gabinete do Japão, o Senhor Kônô Yôhei, veio a público e formalmente reconheceu a participação do Exército japonês na exploração de mulheres durante a Segunda Guerra Mundial e em nome do governo pediu desculpas às mulheres. Na ocasião tentou-se criar um fundo monetário para as sobreviventes, o que foi aceito pelo governo, mas as mulheres disseram que não queriam e que elas almejavam desculpas sinceras e formais, ou seja, escritas em um papel. Isto só veio ocorrer em 2015, quando o Primeiro Ministro Japonês Shinzo Abe em concordância com o governo Sul-coreano finalmente fez o pedido de desculpas formal e juntos contribuíram com 1 bilhão de yen¹² para umas das instituições formadas para ajudar as mulheres vítimas de exploração e abuso sexual durante a Segunda Guerra Mundial (AZENHA, 2017, p. 45).

No entanto, muitas das sobreviventes não acharam que tal pedido foi feito com sinceridade e que foi simplesmente para abafar e acalmar a população Coreana. Desse modo, em 2016 durante o mandato de Park Geun Hye (ex-presidente da Coreia) foram realizadas expedições nos âmbitos das fundações e entrevistas com membros da Korean Council (AZENHA, 2017, p 47)

Em meio ao que discutimos até o momento, a impressão é a de que temos muitos trabalhos acerca do tema, mas a realidade não é essa; a maioria dos trabalhos realizados, desde notícias de TV e Web site, está escrito na língua inglesa, situação semelhante ocorre com livros sobre Sociedades de Conforto. Essa realidade acaba por não facilitar a maioria dos estudantes que estão interessados em ler sobre o tema. Uma das autoras que conta a história com ricos detalhes e importância é Chunghee Sarah Soh, cujo livro também está escrito em inglês.

Os artigos publicados em sites e revistas, ainda que sejam poucas as publicações, alguns são escritos na língua portuguesa, o que ajuda na compreensão

¹² Moeda japonesa

do tema e o estudo com relação a histórias das “Mulheres de Conforto”; condição que nos remete a fala de Kim Hak-sun¹³, quando afirma:

“Eu queria falar antes de morrer porque ninguém mais o faria em meu nome”, disse ela. “Não tenho nenhum desejo além de ouvi-los dizer que estão realmente arrependidos” (CATHY, 2021. Tradução nossa)¹⁴.

Conforme a afirmação de Kim Hak-sun (2021) podemos entender que só as Mulheres de Conforto podiam tomar a frente e falar sobre o período que elas foram escravizadas sexualmente já que o governo do Japão não iria realmente dizer que o Estado era culpado por tal crime. Foram por causa dos testemunhos das sobreviventes que muitos/as pesquisadores/as começaram a desvendar a história dessas mulheres desde o "recrutamento" até o fim da guerra e por causa disso vemos a importância das suas memórias e como elas se constituíram numa fonte de pesquisa relevante para os estudiosos da Segunda Guerra Mundial (CATHY, 2021).

2.4 UM NOVO OLHAR HISTORIOGRÁFICO

Durante a pesquisa bibliográfica sobre a Segunda Guerra Mundial percebemos como falta incluir o tema Mulheres de Conforto na produção historiográfica e discussão. Por mais que esse exercício venha acontecendo, ainda é exíguo, mas se trata de um tema importante, principalmente porque dá visibilidade à luta dessas mulheres, ou seja, oportunizam-nas falarem e colocarem para o mundo suas memórias e histórias. Silveira (2008) fala que acerca dessa questão, Le Goff (1996) afirma que a palavra "história" vem de um termo grego antigo *histor* que significa “testemunha” que também vem de “aquele que vê”. Sendo assim a história é o saber ver e testemunhar o passado e com isso a memória está ligada ao ofício do historiador sendo uma fonte viva do passado. Mais tarde a memória oral começou a ser vista como importante, principalmente depois que foi utilizada como recurso metodológico, quando paramos para pensar a importância da História Oral como fonte podemos começar a pensar que ela dá voz às pessoas excluídas e esquecidas onde muitas das vezes a escrita não consegue trazer tal testemunho.

¹³ Kim Hak Sun (1924-1997); sobrevivente do SC criado pelo Japão durante a guerra e ativista dos direitos humanos na Coreia do Sul, foi a primeira sobrevivente a partilhar a sua experiência enquanto MC nos meios coreanos em 1991.

¹⁴ Original: “I wanted to speak out before I died because no one else would on my behalf,” she said. “I have no desire left other than to hear them say they are truly sorry” (CATHY, 2021)

Joutard (2002) afirma que por mais que a história oral consiga trazer informações que sem ela não teriam chegado aos estudiosos mesmo com documentos, mesmo assim devemos ter que reconhecer os limites que a história oral tem já que muitas das vezes a nossa memória chega ser frágil devido a passagem do tempo e com isso a memória começa a esquecer.

Sobre essa perspectiva e uso da memória, Silveira (2008) se refere ao pensamento de Cícero (1948), visto que o pensador chega a comparar “a composição da memória a uma tábua de cera ou lugar onde tudo é guardado: é o guardião de todas as coisas” (CÍCERO, 1948, p. 2 apud SILVEIRA, 2008, p. 2). Aqui podemos ver e analisar que nossa memória é um lugar extremamente importante onde estão guardadas muitas lembranças que podem chegar a ser usadas como partida de uma pesquisa, mesmo assim não podemos esquecer o que foi dito anteriormente que até nossas memórias tem um limite então não podemos simplesmente só ficar presos na narrativa destas memórias.

Conforme sugere Silva (2005) “O orador ou recitador reconhece os ecos em seus ouvidos a partir do momento em que o auditório reconhece o assunto em questão mostra a importância de sua fala” (SILVA, 2005, p. 504). Quando paramos para ler todos os testemunhos que as sobreviventes já deram até os dias atuais percebemos a importância que teve a primeira ex escrava sexual Kim Hak-sun quando veio ao público e contou tudo que aconteceu com ela enquanto ela era uma MC, quando ela mostra para as outras sobreviventes que elas não podiam se calar e que as pessoas não podiam ficar sem saber o que elas passaram nas Sociedades de Conforto.

Ainda sobre a memória, Prins (1992) afirma que é uma representação de si em uma determinada cultura e com isso podemos pensá-la em uma sociedade contemporânea? Isto nos faz compreender como uma contraposição às epopeias da antiguidade que se refere a uma época homérica. A grande diferença aqui entre a memória homérica e contemporânea como traz Silva (2008) é o fato de ser composta por uma desintegração e mudança, luta e contradição e ambiguidade e angústia. Devido aos pontos que a difere do mundo antigo a tradição oral é transmitida de forma narrativa e épica, o que valoriza a memória e transmite conhecimento, enquanto no mundo contemporâneo é um trabalho.

Acerca da importância da memória, Bosi (1994) afirma que os jovens não se preocupam com as lembranças já que o que se espera deles é a produção e com

isso eles não olham para a violência que vem junta, porém dos mais velhos já se espera essas lembranças, mas quando não é valorizada se tem um esvaziamento já que os idosos são colocados em asilos e não podem compartilhar tais memórias. Quando o indivíduo narra sua vida tem a forma mais expressiva de lembrar e traz à tona suas memórias, ela não anula e não reconstrói apenas se constitui uma ponte entre o passado e o presente.

Quando trazemos neste trabalho as “Mulheres de Conforto” mostramos que elas queriam o seu pedido de desculpas sinceras e que o governo japonês reparasse o sofrimento delas, principalmente o físico e ao mesmo tempo mostrasse aos jovens os crimes que foram cometidos pelos japoneses no passado.

Com os movimentos das ex escravas ao falar o que sofreram e pedindo ao governo japonês desculpas formais e sinceras as “Mulheres de Conforto”, faz com que desperta nos historiadores/as o interesse para começarem a pesquisar sobre o tema como os seguintes nomes que serão citados: Abe Kôki, Chunghee Sarah Soh, Daí Sil Kin-Gibson, George Hicks, Kurahashi Masanao, Nishino Rimiko, Suzuki Yûko, Yoshimi Yoshiaki, Yun Myong-suk, e entre outras. Silveira (2008) traz a seguinte informação dizendo que a experiência vivida por essas mulheres inspirou também romancistas tais como Nora Okja Kelle (2000) com a ficção literária *Comfort Women: a novela*, a qual ganhou o prêmio American Book Award por ela.

Neste tópico uma obra relevante e que recorreremos como fonte é de Kim-Gibson chamada de *Silence Broken: Korean Comfort Women* que conhecemos através de Silveira (2008). Segundo esse pesquisador, a obra está dividida em quatro capítulos e são registros das memórias das sobreviventes, as quais contam tudo que passaram e outros quatro são os pensamentos da autora (SILVA, OMENA, OMENA, 2008, p. 4).

Foi no ano de 1992 que a autora Kim-Gibson começou seus trabalhos de pesquisa sobre o tema e conheceu através de um grupo coreano-americano de Washington D.C, ela foi convidada para traduzir a história de uma senhora chamada Hwang Geum Ju. Na narrativa essa senhora conta que foi sobrevivente da Casa de Conforto onde viveu como escrava sexual. Depois disso, a autora Kim-Gibson viajou por vários lugares como China e Coreia do Sul colhendo testemunhos das sobreviventes.

Segundo Silva (2008) a tradução do título do livro - *Silence Broken: Korean Comfort Women*- é “Silêncio Quebrado” na narrativa há o apelo para a sensibilidade

do assunto transmitido através das memórias das “Mulheres de Conforto” que sobreviveram. Na narrativa elas contam tudo que sofreram até o medo depois de tudo que elas passaram por causa do julgamento das pessoas ao redor delas. O livro está traduzido para o inglês, o que facilita o acesso aos jovens estudantes que se interessam pelo tema.

Silva (2008) fala que a leitura do livro possibilita formular várias problematizações, principalmente da forma como estudamos a Segunda Guerra Mundial. Já que temos a ideia de que depois que o Japão bombardeou Pearl Harbor em 1941, ou que em 1939 os alemães invadiram a Polônia junto com seus aliados soviéticos. Para os asiáticos, no entanto, a guerra começou com a invasão japonesa da Manchúria em 1931, evento que foi considerado o primeiro passo pelos japoneses. Por isso o livro *Silence Broken: Korean Comfort Women* é importante porque é através das histórias orais que podemos estudar sobre o tema, conforme afirma Kim-Gibson:

Se o Japão destruiu a maioria dos documentos relevantes imediatamente após a guerra e continua a trancar o que foi poupado para esconder a escravidão sexual, as Forças Aliadas, especialmente os Estados Unidos, pouco fizeram para buscar justiça pelas atrocidades asiáticas cometidas pelo Japão (KIM-GIBSON, 1999, p. 7 apud SILVA, 2008, p. 5. Tradução nossa).¹⁵

A fala de Kim-Gibson faz com que entendamos o quanto foi e são importantes as "vovós"¹⁶ darem seus testemunhos sobre este crime. Se tudo que temos lido até agora sobre a Segunda Guerra Mundial foi na perspectiva europeia, isso se fez porque a Europa foi considerada como a mais “importante” pelos historiadores europeus. Isso acabou por desmerecer tudo que as mulheres orientais passaram, só porque na maioria das vezes os historiadores/as tiveram acesso a documentos escritos, e por certo período não deu importância à memória das mulheres orientais; importante para a escrita da história da Segunda Guerra Mundial na perspectiva das mulheres.(SILVA, OMENA,OMENA, 2008, p. 5).

¹⁵ Original: If Japan destroyed most of the relevant documents immediately after the war and continues to lock away whatever was spared in order to hide the sexual slavery, the Allied Forces, especially the United States, did little to seek justice for Asian atrocities committed by Japan.

¹⁶ Nome carinhoso que é dado para as ex-escravas sexuais.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi falar sobre as “Mulheres de Conforto” e mostrar que se tratou de uma prática de escravidão sexual, colocada em ação por um longo período no Império japonês, cujas autoridades, as viam como propriedades deles. A condição a que foram submetidas, fez com que muitas delas tivessem vergonha de contar ou de que as pessoas soubessem sobre tudo que passaram, visto a cultura patriarcal ser recorrente no Japão. Por isso, foi importante, elas terem levantado a voz e comecem a contar suas histórias, até hoje falar sobre o tema é muito importante e vemos isso através não só das estátuas que fizeram em homenagem aos sobreviventes que foi erguida no ano de 2011 em frente à embaixada japonesa em Seul (SUSANA, 2019). Ou como filmes/séries que abordam o tema como, por exemplo, o K-Drama¹⁷ Tomorrow que no episódio 13 aborda o assunto com delicadeza.

Utilizamos como base o autor Norman Davies, visto em seu livro trazer um apanhado de estudos e livros que falam sobre a Segunda Guerra Mundial e a partir do trabalho dele passamos a criticar o lado da história da guerra limitado ao europeu e a falta de discussão sobre as mulheres nesse episódio, quando sabemos que elas não ficaram caladas e não foram escondidas, muitas lutaram.

Para discutir sobre a mulher recorremos a Michelle Perrot, visto discutir sobre a presença das mulheres na história e como muitas das vezes são silenciadas, o que faz com que tenhamos uma compreensão masculina de certos temas da história, a exemplo da Segunda Guerra Mundial, onde a participação das mulheres nesse episódio, por um longo período foi negada.

Para tanto, trazemos as “Mulheres de Conforto” e contamos fragmentos do que elas passaram e como ocorreu sua “inserção” no “Sistema de Conforto”. Utilizamos o trabalho de Chunghee Sarah Soh, uma vez que essa autora trabalha a temática a partir da história que conseguiu pesquisar por meio do testemunho oral das sobreviventes.

Na sequência discutimos alguns trabalhos e matérias sobre o assunto e a partir do trabalho de autores como Kim-Gibson e Sarah Soh e a sites da Internet que trazem os depoimentos das sobreviventes que testemunharam sobre suas experiências. A partir de então foi desencadeada a luta onde elas só queriam

¹⁷ Tipo de série coreana, mas na Coreia elas a chamam de K-drama ou Novel.

desculpas sinceras e que o Japão arcaasse com os danos que o Exército japonês lhes causou. Por causa dos testemunhos delas, muitas pesquisas surgiram e historiadores/as foram atrás de saber e provar o que elas passaram.

Frente às pesquisas realizadas e as descobertas obtidas, a Coreia não se calou, pois filmes e documentários sobre o tema foram produzidos, e estátuas erguidas para lembrar a sociedade contemporânea o ocorrido. A temática também alcançou as telenovelas ou dramas. No geral os coreanos inseriram as histórias das “Mulheres de Conforto” na ordem do dia, o que fez com que não caísse no esquecimento como desejava o governo do Japão e as ex-escravas queriam que os jovens de hoje em dia soubessem as atrocidades que elas passaram e que não se calassem e lutassem por seus direitos.

Desta forma, neste trabalho, reconhecemos a voz dessas mulheres, que lutaram para que o governo japonês reconhecesse a verdade e arcaasse com o prejuízo que lhes fizeram o exército desse país e que as histórias delas por mais que seja difícil chegassem para outras pessoas lerem e que não deixarmos que continuem sendo silenciadas e nem esquecidas, estudar essas outras histórias que não ouvimos e que fazem parte da II guerra mundial é muito importante .

REFERÊNCIAS

ADÃO, Jeniffer Michelly Gabriel. **As vozes silenciadas**: a narrativa das “mulheres de conforto” nas relações entre Japão, China e Coreia do Sul. 2021. 139 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais e Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2021.

AZENHA, Tatiana Sofia Fonseca. **Para Além do Silêncio**: o sistema de conforto e o papel dos movimentos feministas na questão das mulheres de conforto na Coreia do Sul (1905-2015). 2017. 97 f. Tese (Doutorado) - Curso de Turismo, Universidade Católica Portuguesa, Portugal, 2017.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **No seu pescoço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

AWF – **Asian Women’s Fund**. Number of Comfort Stations and Comfort Women. Disponível em: <https://www.awf.or.jp/e1/facts-07.html>. Acesso em: 11 nov. 2022.

TETSUO, Aso. **From Shanghai to Shanghai**: The War Diary of an Imperial Japanese Army Medical Officer, 1937 – 1941. Columbia: Eastbridge Books. 2004.

BOSI, Eclésia. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CHANG, Iris. **Rape of Nanking**. Chicago: Basic Book, 1997.

DUBY, Georges e PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. A Antiguidade, Vol. 1, Porto: Edições Afrontamento, 1990.

DAVIES, Norman. **Europa na Guerra**. São Paulo: Record, 2009.

ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO – A Segunda Guerra Mundial na Europa. 2022. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/world-war-ii-in-europe>. Acesso em: 10 nov. 2022.

GILBERT, Martin. **A Segunda Guerra Mundial**: Os 2.174 Dias Que Mudaram O Mundo. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

HASTINGS, Max. **Inferno**: O mundo em guerra 1939-1945. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LADINO, James. **Ianfu**: No comfort yet for Korean comfort women and the impact of house resolution 121. *Cardozo Journal of Law & Gender*, v. 15, 2009, p. 338-339.

LEE Sin-cheol; HAN, Hye-in. **Comfort Women**: A Focus on Recent Findings from Korea and China. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/12259276.2015.1029229>. Acesso em: 10 nov. 2022.

MAIA, Cláudia. Gênero e Historiografia: um novo olhar sobre o passado das mulheres. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 2, n. 28, jul. 2015, p. 209-226.

OKAMOTO, Julia Yuri. **As "Mulheres de Conforto" da Guerra do Pacífico**. TCC (Graduação) – Curso de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PAIVA, Carolina Maria Monteiro. **Mulheres, Feminismo e Relações Internacionais**: o caso do movimento de reparação das “mulheres de conforto” sul coreanas. Monografia (Especialização) - Curso de Relações Internacionais, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

PRINS, G. História Oral. In: BURKE, Peter. **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992, p. 163-198.

PARRILHA, Ariel da Silva. **As “Mulheres de Conforto” Coreanas e a Violência Sexual estratégica: uma análise**. Tese (Doutorado) – Curso de Ciências Sociais, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2022.

PERROT, Michelle. As mulheres. In: **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução: Denize Bottmann. 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006, p. 185.

ROLLEMBERG, Denise. **Resistência – Memória da ocupação nazista na França e na Itália**. São Paulo: Alameda Editorial, 2016.

RAYMOND, Janice. **70 Anos Depois**, um novo sistema de “mulheres de conforto”. 2019. Tradução do texto. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/70-anos-depois-um-novo-sistema-de-mulheres-d-conforto-630fef7a689c>. Acesso em: 09 nov. 2022.

SANG-HUN, Choe. **Overlooked no More: Kim Hak-soon, Who Broke the Silence for ‘Comfort Women’**. 2021. Disponível em: https://www-nytimes-com.translate.google.com/2021/10/21/obituaries/kim-hak-soon-overlooked.html?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc. Acesso em: 09 nov. 2022.

SOH, Chunghee Sarah. **“The Korean ‘comfort women’: movement for redress”**. Asian Survey, v. 36, n. 12, dec. 1996, p. 1226-1240.

SOH, Chunghee Sarah. **The Comfort Women: Sexual Violence and Postcolonial Memory in Korea and Japan**. Chicago: University Of Chicago Press, 2008.

SILVA, Altino Silveira; OMENA, Luciane Munhoz de; OMENA, Maria Aparecida Munhoz de. Memórias de guerra: os testemunhos vivos das ex-escravas sexuais de origem coreana: KIM-GIBSON, Dai Sil. Silence Broken: Korean Comfort Women. Parkersburg: MidPrairie, 1999. **Nau Literária**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 1-7, Jan. 2008.

SUSANA SALVADOR. Diário de Notícias. Tóquio paga 7,6 milhões e pede desculpa às escravas sexuais de Seul. [S.l.]. Site, 2019. Disponível em: <https://www.dn.pt/mundo/mulheres-de-conforto-seul-e-toquio-chegam-a-acordo-4955463.html#:~:text=Relacionados&text=Uma%20est%C3%A1tua%20de%20bronze%20C%20erguida,punhos%20fechados%20sobre%20o%20colo..> Acesso em: 26 nov. 2022.

TANAKA, Yuki. **Japan’s Comfort Women: Sexual Slavery and Prostitution during World War II and the US Occupation**. Estados Unidos: Routledge, 2001.

HICKS, George. **Comfort Women:** Japan's Brutal Regime of Enforced Prostitution in the Second World War. Londres: W. W. Norton & Company, 1997.

YUN, C. Women's "volunteer corps" In: **Women and Tourism.** Ed: Korea Church Women United. Seul, Coreia do Sul, 1988.

BRACHT, Mary Lynn. **Herdeiras do mar.** Londres: Paralela, 2018.